

A Biblioteca de Bolso

JEAN PAUL

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE JULIANA FERRACCI MARTONE¹

Nota introdutória

A biblioteca de bolso (1795) é um relato bastante autobiográfico em estilo livre que tem por tema um procedimento muito caro ao escritor Johann Paul Friedrich Richter (1763-1825), conhecido como Jean Paul: a confecção de excertos. Seu hábito de reunir milhares de páginas com as mais variadas anotações, foi um “método” de suma importância para sua práxis literária. Tal reunião de *loci communes* é uma *ars inveniendi* pautada pela tópica. Numa tentativa de definir o que seria tópica, W. Schmidt-Biggemann a divide em três momentos: primeiramente a reunião de topoi, a “tarefa clássica da invenção”, em segundo lugar a organização destes lugares comuns a fim de torná-los disponíveis e, por fim, a colocação dos topoi nos lugares certos com o auxílio de catálogos de critérios e sua transformação em argumentos efetivos.²

O escritor de fato utilizou tal inventário do saber ao longo de toda a vida a fim de poder estabelecer novas relações e criar novos argumentos sempre que o revisitava. Essa prática evidencia-se em sua obra pelo número infindável de referências a pessoas, acontecimentos, datas etc. de muitas áreas do saber e muitas

¹ Esse trabalho contou com o apoio da FAPESP.

² Schmidt-Biggemann. *Topik: Tradition und Erneuerung*. In: *Topik und Tradition. Prozesse der Neuordnung von Wissensüberlieferungen des 13. Bis 17. Jahrhunderts*. Göttingen: V&R unipress, 2007, 17-18.

épocas, exatamente como faz o mestre de dança Aubin na *Biblioteca de Bolso*.

O leitor perceberá, lendo o texto, de que modo os excertos do mestre Aubin são uma aproximação a um conhecimento universal e uma rejeição ao erudito especialista, que não tem a mais vaga ideia de outras ciências além daquela a que se dedica. Jean Paul desde cedo defendeu a necessidade de ser versado em muitas ciências, já que o exercício de uma em detrimento de outras iguala-se a um trabalho maquinal e sobrecarrega o espírito.³ O ideal exposto na *Biblioteca de bolso* é então o do polímata, aquele que sabe coisas variadas, mas que reconhece sua humanidade, a debilidade de suas forças e, por essa razão, faz excertos. Este é, sem dúvida, um dos mais belos traços do escritor alemão: seu engenho, sua maestria em criar imagens e relacionar ideias inesperadas, retiradas do seu gabinete de arte e curiosidades naturais, isto é, dos seus volumosos cadernos de excertos e dos seus excertos de excertos — excertos à segunda potência.

³ Jean Paul escreve, aos 16 anos em 1779, *Sobre a utilidade do estudo precoce da filosofia (Über den Nutzen des frühen Studiums der Philosophie)*, texto em que já trata da noção de polimatia e da relação dos saberes entre si. Cf: *Jean Paul Sämtliche Werke* historisch-kritische Ausgabe II/1, editado por Norbert Miller. München: Hanser, 1960.

A Biblioteca de Bolso⁴

Pode ser que meus jovens leitores fiquem satisfeitos quando tiverem lido minha narrativa; mas gratos eles ficarão depois de vinte anos quando a tiverem utilizado.

O mestre de dança de pajens Aubin tinha pouco tempo, pouco dinheiro, ainda menos memória e livros: – mesmo assim, sabia quase tudo de cor e não se sentia em casa apenas no salão de dança. Eu quis, em vão, adivinhar a solução desse enigma: precisei ir até aquele que era o próprio enigma. Não me misturei, portanto, aos alunos, mas aos espectadores das suas alegres aulas de dança, que ele dava aos pajens e a algumas outras aprendizes no grande salão de festa.⁵

Cheguei um pouco antes dos aprendizes, que de bom grado dançavam em toda parte, só não ali onde deveriam aprender. Aubin já estava lá e guardou, diante da minha vista, um pequeno livro do tamanho do *Catecismo* de Schlosser,⁶ que vocês deveriam comprar. “Sou tão feliz,” (diz ele para, por assim dizer, desculpar sua dedicação) “porque não tenho tempo nem tédio. Nunca sinto que espero por algo; pois tiro imediatamente uma parte da minha *Biblioteca de Bolso* do bolso, mesmo que seja numa margem em direção à qual o barqueiro rema apenas do meio do rio.” Ele sempre furtava alguns minutos de leitura das suas oito horas diárias de aulas de dança e dos momentos de repouso: quão desprezível é, ao lado de um tal ladrão de minutos no bom sentido, um ocioso no mau!⁷ – No fugaz quarto de hora de nossa conversa, ele me deixou incerto a respeito dos seus conhecimentos, se de fato sabia, além da arte de dançar, teologia – ou jurisprudência – ou astronomia – ou história, ou outras ciências.

⁴ *Die Taschenbibliothek*. In: *Jean Paul Sämtliche Werke* historisch-kritische Ausgabe II/3, editado por Norbert Miller. München: Hanser, 1960, 789-773.

⁵ Do francês introduzido no alemão: *Redoute* (arcaico), salão de festa e eventos de dança.

⁶ *Catecismo ou doutrina moral para camponeses* (*Katechismus oder Sittenlehre für das Landvolk*), 1771, de Johann Georg Schlosser (1739-1799).

⁷ Aqui não foi possível manter o belíssimo jogo de palavras característico de Jean Paul. No original: *wie verächtlich steht neben einem solchen Minutendieb im guten Sinne ein Tagedieb im schlimmen! Minutendieb* é um substantivo composto inventado por Jean Paul e que significa ladrão de minutos. Porém, com o mesmo radical (*Dieb*: ladrão) há a palavra dicionarizada *Tagedieb*, que quer dizer ocioso, aquele que nada faz ou, literalmente, ladrão de dias, e tem sua origem na expressão *er stiehlt dem lieben Gott den Tag* (ele furta o dia ao querido Deus).

Depois das quatro horas, as alunas de dança interromperam nossa conversa com a delas. Espero que tenha sido somente uma – quando muito uma – que ainda não leu as *Aulas noturnas de madame Genlis*;⁸ caso contrário certamente teria sido tão mais educada, silenciosa e modesta. Talvez ela já não tivesse mãe para lhe dizer que uma moça deveria ser ainda mais recatada e, ao mesmo tempo, mais educada para com qualquer homem pago por ela, para com um professor de dança, de idioma ou de desenho, do que para com amigos dos seus pais. Sem dúvida, o senhor Aubin também a censurou por ter ficado mais do que os outros e ter se intrometido na nossa conversa e, por fim, ter-lhe feito a pergunta que jamais convém: qual gênero seria melhor, o dela ou o dele. Nenhuma pessoa educada coloca uma questão cuja resposta custa esforço ao outro. Tomei para mim seu incômodo narrando uma estória das *Aulas Noturnas* de madame Genlis; nós tínhamos tempo, já que das cinco às seis horas ele estava à espera de novos besouros saltadores, que hoje, porém, estavam todos na Comédia. Quando a estória acabou e a moça foi embora, ele me pediu, para o meu espanto, que a contasse – novamente; pois ele não havia fixado nome algum, disse; em virtude das rápidas leituras, uma após a outra, de coisas não associáveis, sua memória tornou-se uma lavoura devastada. No entanto, para mim a debilidade de uma memória que, hoje vejo, foi-me dada como nada além de prova da sua força, era sem dúvida – incompreensível; mas a frase é verdadeira: alguém que se ocupa a todo minuto de outra ciência ou outro empreendimento destrói sua memória.

A sorte, ou melhor, *Dom Carlos* – pois essa tragédia foi encenada hoje –

⁸ Madame Genlis (1746-1830), Stéphanie Félicité du Crest de Saint-Aubin, também conhecida como condessa de Genlis, foi uma nobre e escritora francesa. Publicou inúmeros textos sobre pedagogia, etiqueta e educação para jovens, e curiosamente apoiou, de início, a Revolução Francesa. É notável a relação que Jean Paul estabelece entre o mestre Aubin e essa senhora, pois ambos possuem o mesmo nome. Talvez a alusão esteja no fato de o professor de dança ensinar essa arte a pajens e donzelas nobres. Outra possível associação entre ambos é a escolha por palavras alemãs de origem francesa: *Eleve* (aluno), *Elevin* (aluna), *Page* (pajem), *Redoute* (salão de festas ou dança). De toda forma, vale ressaltar que Jean Paul sempre se posicionou muito criticamente em relação à literatura e mentalidade francesas da época. Censurou sobretudo a “amplitude cortês da universalidade” e essa sociabilidade elevada que se esquece do eu, do mundo, do particular e preza apenas o universal — que deseja apenas o fino óleo da rosa separado de suas folhas e espinhos —, enquanto a individuação corporal rasteja um degrau mais baixo na cozinha da corte (Cf. *Misericordias-Vorlesung über die Kunst für Stilistiker*).

tomou-lhe os alunos e me presenteou o professor. “Deve-se”, disse ele, “executar essa peça justo hoje (25 de julho), pois precisamente hoje o herói esvaiu-se em sangue (1568).” – Ele sabia o dia de muitos acontecimentos cujo século outros desconhecem. Eu compreendia cada vez menos a fraqueza de sua memória. Ele disse: eu não deveria elogiar nada – quando muito sua biblioteca de bolso.

Então fui com ele para casa, para a chave-mestra de todos os enigmas.

Ele possuía trinta livros – somente compêndios de trinta ciências –, além disso nenhuma folha. Frequentemente as cacholas estão vazias e as prateleiras cheias; mas aqui era o inverso.

Finalmente, ele apanhou a chave de um armário de livros – e do enigma – e destrancou os dois, isto é, sua biblioteca de bolso:

eram *excertos*, porém menores do que o comum.

Quero agora dirigir-me aos leitores, que têm a felicidade de ainda estarem nos anos cuja perda e cujo mau uso os posteriores não consertam; a esses quero dirigir, palavra por palavra, tudo que o mestre de dança me segredou; eu não posso lhe subtrair a gratidão que vocês lhe mostrarão um dia depois de muitos anos.

“Eu amiúde pedia”, disse ele, “a uma pessoa, a qual havia devolvido um volumoso relato de viagem ao bibliotecário, que me escrevesse somente uma folha cheia com seu conteúdo – ela não conseguiu. Após quatro semanas, ela não conseguiu preencher sequer um oitavo de folha com o legado do livro. Logo, não era tão ruim como se ela nada lera, mas pior. Tive alunos de dança que anualmente consumiam mais livros do que dias, porém não se encontravam nem 365 linhas mais ricos por ano. E, contudo, é impossível ao mesmo tempo ler muito e reter muito. – O que se deve fazer? –

Apenas *excertos*. No início, apanhava duas, três particularidades como borboletas e as fixava com tinta no meu livro de *excertos*. Eu alistava meus recrutas de todas as ciências. Concedia a cada peculiaridade um espaço de três linhas, não mais do que isso. O tempo todo emprestava *apenas* um livro para lê-lo com mais prazer e rapidez: emprestar muitos é exatamente como comprá-los, os livros são lidos mais tarde ou nunca. Normalmente, todo espírito que extraio dos

livros com meu tórculo⁹ consiste numa única gota; mas depois de dez anos ainda possuo qualquer coisa, alguma vantagem do livro, a saber, minha gota. Esses excertos, eu os retiro como água-de-colônia do bolso, na rua, no átrio, no salão de dança, e me revigoro com algumas gotas vitais. Fosse minha memória ainda mais débil, então os leria ainda mais frequentemente.

O principal é que faço excertos dos meus excertos, e trasfego mais uma vez o espírito do vinho. Uma vez os leio, por exemplo, meramente por causa do artigo dança, uma outra, apenas sobre flores, e introduzo essa leitura com duas palavras em cadernos menores ou registros, transferindo-a do barril às garrafas.

Minha fraca memória pode guardar e carregar até mesmo um intenso peso numérico: eu somente o distribuo em 365 pequenos pesos.”

A essa altura, ele me deu seu calendário. Todo mês estava atravessado por uma meia folha, na qual para cada dia do mês estava escrito ao lado se esse era o dia de nascimento ou morte de um homem conhecido, ou de um grande acontecimento, ou a data de uma festividade grega, judaica, romana, ou qual besouro aproximadamente nessa ocasião partia para a terra, ou qual ave migratória partia para sua alegria hibernal. Toda manhã, ele fitava a tarefa histórica da atual data; e após um ano tinha mais de duas vezes 365 linhas na mente.

Eu precisei, aqui, apertar contra o meu coração o homem cujo coração ardia por todo saber, e confessar-lhe que sigo quase o mesmo caminho desde os quatorze anos.

E vocês, queridos jovens, façam também com que os queiram abraçar pela mesma razão. Não se esqueçam do mestre de dança Aubin, que não tinha tempo, memória e, contudo, tinha muitos conhecimentos! – Se vocês se esquecerem dele, então lhes restará de toda uma biblioteca universitária, que sussurra através de suas almas, apenas aquilo que cabe espaçosamente escrito no seu catálogo. – A maré de livros flui, deixa apenas algumas carcaças para trás, transborda novamente na memória, e após esse fluxo e refluxo não fica na alma sequer uma planta aguada, mas um molhado deserto de areia. – Repetir vocês não podem de modo algum; ou vocês ao menos teriam de ler o antigo livro a partir do novo, e repe-

⁹ No original *Kelter*: espécie de tórculo, isto é, de prensa primitiva semelhante à prensa do lagar para a produção do vinho. Pelo vocabulário empregado por Jean Paul fica nítida a analogia entre fazer excertos e o processo de destilação do vinho.

tir o esquecido e o guardado ao mesmo tempo, enquanto folheiam no mesmo instante um totalmente novo. Ao fim, lhes será necessária para a repetição da leitura quase a repetição da vida. – Em resumo, esqueçam-se do que quiserem, mas não da minha narrativa. Até mesmo aqueles dentre vocês que aqui se assustam e reclamam por já serem muito velhos, esses tomo pela mão e digo em tom consolador: “Sigam a mim e ao mestre Aubin: agora vocês devem tanto mais tomar esse atalho, já que se colocaram tão tarde no caminho do conhecimento – na verdade, pelas mesmas razões por que eu e ele ainda no ocaso da vida procedemos com excertos, devem vocês *começar* por eles.”

Se, após dez anos, eu ainda viver: então, no dia de hoje, quero pensar nesse texto e olhar lá fora para todas as regiões do mundo e dizer: “Sem dúvida, nessa vasta circunferência mora mais de um homem que é feliz, pois há dez anos descobriu como procedia o mestre de dança Aubin.” –